



ISSN: 2525-815X

# Journal of Environmental Analysis and Progress

Journal homepage: [www.ufrpe.br/jeap](http://www.ufrpe.br/jeap)

<http://dx.doi.org/10.24221/jeap.2.2.2017.1175.144-159>



## Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil

### An ethnobotanical approach about useful plants grown in homegardens in a rural community of a semi-arid region in Piauí, Northeast Brazil

Paulo Henrique da Silva<sup>a</sup>, Ykaro Richard Oliveira<sup>a</sup>, Maria Carolina de Abreu<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB. Rua Cícero Eduardo, S/N, Bairro Junco-Picos, Piauí, Brasil. CEP: 64600-000. E-mail: [ykroliveira@gmail.com](mailto:ykroliveira@gmail.com).

#### ARTICLE INFO

Recebido 08 Mar 2017

Aceito 27 Abr 2017

Publicado 02 Mai 2017

#### ABSTRACT

Ethnobotanical studies allow the evaluation of ancestral knowledge transmitted to new generations. This study aimed to catalog useful plants growing in homegardens in a rural community, to clustering the species cited in categories of use and outlining the socioeconomic profile of the community involved. The semi-structured interviews were applied using the snowball method for the participant's selection. It was used the technique of guided excursions by homegardens, and at that time, samples were collected from plants mentioned, which were herborized by usual techniques of plant taxonomy, and the APG III classification system was adopted. From 71 interviewed individuals, 87.32% were female. Among 188 species belonging to 68 families, the most significant were Fabaceae and Lamiaceae. The types of use, ornamental, medicinal and food were the most representative. *Chenopodium ambrosioides*, *Aloe vera*, and *Ruta graveolens* showed the highest use values for the local human population.

**Keywords:** Categories of use, Aroeiras community, traditional knowledge, ornamental plants.

#### RESUMO

Estudos etnobotânicos permitem avaliar conhecimentos ancestrais transmitidos para novas gerações. Este estudo objetivou inventariar as plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural, agrupar as espécies citadas em categorias de uso e delinear o perfil socioeconômico dos envolvidos na pesquisa. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas, usando o método bola-de-neve para a seleção dos participantes. Utilizou-se a técnica da turnê-guiada pelos quintais e, neste momento, foram coletadas amostras das plantas citadas, as quais foram herborizadas segundo técnicas usuais em taxonomia vegetal, classificando-as segundo o sistema APG III. Dos 71 entrevistados, 87,32% pertencem ao sexo feminino. Entre as 188 espécies levantadas, pertencentes a 68 famílias, as mais representativas foram Fabaceae e Lamiaceae. As categorias de uso ornamental, medicinal e alimentar foram as mais representativas. *Chenopodium ambrosioides*, *Aloe vera* e *Ruta graveolens* apresentaram maiores valores de uso pela população local.

**Palavras-Chave:** Categorias de uso, comunidade de Aroeiras, conhecimento tradicional, plantas ornamentais.

#### Introdução

A Etnobotânica aparece como o campo interdisciplinar que envolve o estudo e a

interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora (Caballero, 1979), se consolidando como

uma ferramenta relativamente barata de pesquisa que favorece a interação do homem com a extensa diversidade vegetal, que por sua vez, contribui significativamente para o tratamento das enfermidades humanas, nos padrões de alimentação até os rituais religiosos (Franco et al., 2011).

Na percepção de habitantes de diversas regiões, o estudo de quintais, sobretudo tropicais, assume uma importância no mundo atual, principalmente “por se tratar de espaços de conservação e demonstração de saberes acumulados ao longo do tempo, atravessando gerações” (Novais, 2011). Albuquerque & Andrade (2002a) destacam que conhecer a maneira como as populações locais se relacionam e usam os recursos naturais pode servir de embasamento para a construção de um saber científico melhor às condições locais.

Os estudos etnobotânicos são importantes, uma vez que permitem avaliar de que maneira os habitantes reúnem conhecimentos trazidos de seus locais de origem e como são transmitidos para as novas gerações (Cavalcante & Silva, 2014). Strachulski & Floriani (2013) acrescentam que pesquisas de cunho etnobotânico têm apontado uma grande série de classificações e taxonomias nativas sobre elementos vegetais locais, os quais são utilizados por moradores de diferentes localidades para inferir a respeito da qualidade, potencial e limitações dos recursos, assim como da ligação destes com o mítico, o imaginário, suas crenças e anseios consolidados na forma de práticas produtivas e simbólicas.

Uma elevada diversidade de espécies de plantas com múltiplas finalidades são cultivadas nos quintais, usadas tais como para construção, artesanato, combustível, ornamental, fibra, produção de sombra, religião e medicina (Albuquerque et al., 2005). O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é amplo, sendo em muitos casos, o único recurso acessível de uma população rural de países em desenvolvimento (Pasa et al., 2005), entretanto, uma vez perdido, este conhecimento oriundo da cultura popular se torna irreversível (Albuquerque & Andrade, 2002a).

Com base nestes aspectos, o presente estudo objetivou inventariar as plantas úteis cultivadas em quintais pelos moradores de uma comunidade rural, alocar as espécies citadas em categorias segundo utilidade, identificando as espécies de maior importância local, bem como delinear o perfil socioeconômico dos envolvidos na pesquisa, visando conhecer e registrar o conhecimento tradicional local.

## **Material e Métodos**

### *Caracterização da área de estudo*

O município de Monsenhor Hipólito-PI está centrado na microrregião de Pio IX, localizado nas coordenadas de 06°59'47" de latitude sul e 41°01'47" de longitude oeste de Greenwich, limitando áreas ao norte com o município de Pio IX, ao sul com Campo Grande do Piauí, com Francisco Santos a oeste e, à leste com Alagoinhas do Piauí e Campo Grande do Piauí, distando cerca de 369 km da capital Teresina (Aguiar & Gomes, 2004). Consoante dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município apresenta uma área de unidade territorial de 401,33 km<sup>2</sup>, com uma população de 7391 habitantes.

Considerando os aspectos morfoclimáticos, a sede do município encontra-se a uma altitude de 257 m acima do nível do mar, apresentando médias de temperaturas mínimas de 25°C e máximas de 38°C e clima tropical semiárido e quente (Aguiar & Gomes, 2004)

Conforme Jacomine et al. (1986), os solos da região são derivados da alteração de arenitos, folhelho, conglomerado e siltito, compreendendo solos litólicos, álicos e distróficos, de textura média, pouco desenvolvidos, rasos a muito rasos, fase pedregosa, com floresta caducifólia e/ou floresta sub-caducifólia/cerrado. Em associação com estes, ocorrem solos podzólicos vermelho-amarelos, textura média a argilosa, fase pedregosa e não pedregosa, com misturas e transições vegetais, floresta sub-caducifólia/caatinga. De forma secundária, ocorrem areias quartzosas, que abrangem solos arenosos essencialmente quartzosos, profundos, drenados, desprovidos de minerais primários, de baixa fertilidade, com transições vegetais, fase caatinga hiperxerófila e/ou cerrado sub-caducifólio/floresta sub-caducifólia.

A área foco do estudo, a comunidade rural de Aroeiras, dista cerca de 13 km da sede do município e é organizada basicamente em um grupo familiar, apresentando 127 domicílios com, aproximadamente 735 pessoas, conforme dados do Programa de Saúde da Família (ABREU et al., 2017). A comunidade apresenta fácil acesso, uma vez que se estabelece às margens das rodovias Benedito Joaquim de Carvalho (PI-229) e Juscelino Kubistchek (BR-020). Apresenta uma escola pública municipal que atende ao ensino fundamental I e II, bem como um posto de saúde para cuidados primários de saúde. Os moradores locais sobrevivem, basicamente, da agricultura baseada na produção sazonal de feijão, milho e mandioca, bem como da colheita do caju, além da criação de pequenos animais e gado.

*Coleta e análise de dados*

Este estudo foi delineado como descritivo, de abordagem quali-quantitativa, cujo trabalho de campo foi realizado no período de fevereiro a maio de 2014, através de excursões em dias irregulares (laborais e em finais de semana) nos domicílios familiares da comunidade rural Aroeiras, mediante entrevistas semi-estruturadas utilizando-se como ferramenta formulários contendo questões abertas (*open-ended*) e fechadas (*closed-ended*) (Albuquerque et al., 2010), contemplando aspectos socioeconômicos bem como informações etnobotânicas sobre as plantas úteis cultivadas nos respectivos quintais.

Ressalte-se que, para finalidades deste estudo, o jardim também foi considerado parte integrante do quintal (Van Holthe, 2003), o qual é composto, principalmente, por plantas ornamentais e toda a área externa à casa apresenta plantas cultivadas em vasos ou diretamente no solo (Trotta et al., 2012).

A seleção das residências foi feita através da amostragem não-probabilística “bola de neve” (snowball) (Bailey, 1994) e, para cada domicílio indicado, apenas o adulto responsável pela casa, mantenedor do quintal e que possui maior conhecimento e habilidades sobre o assunto, foi entrevistado, baseando-se no conceito de “chefe de família” (Da Silva, 2007; Massaroto, 2009). Um total de 71 quintais foram pesquisados, compreendendo uma amostra de 71 entrevistados.

Utilizou-se, também, a técnica da turnê-guiada, na qual “cada informante foi convidado a fazer uma caminhada pelo quintal durante a entrevista, fornecendo as informações específicas acerca das plantas presentes” (Bernard, 1988).

Considerando-se apenas um único registro da espécie por quintal, os espécimes citados foram alocados nas seguintes categorias de uso: alimentar (compreendendo as condimentares), medicinal, ornamental, mágico-religioso, produção de sombra e outros usos, incluindo-se um conjunto de finalidades citadas ocasionalmente, como madeireiro (construção e combustível), forragem, tóxicas, entre outras.

No processo de coleta de dados foram levadas em consideração as exigências contidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos (Brasil, 2012). Para tanto, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assegurando aos participantes o anonimato, a privacidade e o direito de desistir em qualquer etapa da pesquisa, pesquisa esta, analisada e avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do

Piauí, conforme Parecer nº. 27210114.5.0000.5214.

Junto ao trabalho de levantamento de informações, coletou-se, sempre que possível, amostras férteis das plantas citadas pelos entrevistados, realizando registro fotográfico das mesmas. As informações pertinentes aos vegetais coletados foram registradas em diário de campo (hábito, altura da planta, coloração de flores e frutos). Os espécimes coletados foram herborizados segundo as técnicas usuais propostas por Mori et al. (1989). O material botânico processado e identificado foi incorporado ao acervo do futuro Herbário de Picos; as duplicatas foram enviadas para o acervo do Herbário Graziela Barroso (TEPB). Através da base de dados do sítio do Missouri Botanical Garden ([www.tropicos.org/Name](http://www.tropicos.org/Name)) e de acordo com o site do The Internacional Plant Names Index ([www.ipni.org](http://www.ipni.org)), foram feitas as correções dos nomes dos táxons, assim como foram adquiridas as abreviaturas dos nomes dos autores. O sistema taxonômico aqui adotado foi o APG III (The Angiosperm Phylogeny Group, 2009).

As informações referentes ao hábito das espécies seguiram Font-Quer (1982), e para a origem delas Lozano et al. (2014), considerando nativas as originadas na América do Sul e como exóticas as originadas fora deste território, além de consultas às obras especializadas de Lorenzi & Matos (2008) e Sousa & Lorenzi (2012).

Quanto à sistematização dos dados obtidos, estes foram tabulados e organizados em planilhas eletrônicas do Microsoft Excel 2010, para que assim pudesse-se proceder à análise quantitativa das informações. Um checklist foi organizado contendo nomes científicos e vulgares, categorias de uso, hábitos e origem. As famílias, gêneros e espécies encontram-se dispostas em ordem alfabética.

Ademais, calculou-se o Valor de Uso (VU =  $\sum U/n$ ), onde, VU = Valor de Uso, U = número de citações da etnoespécie por informante, n = número de informantes que citaram a etnoespécie das espécies, empregando a técnica sugerida por Phillips & Gentry (1993 a,b) e Phillips et al. (1994), modificada por Rossato (1996), onde a importância de uma espécie vegetal é dada pelo número de usos representado por ela, o que indica então a importância local da espécie diante da concordância das informações sobre ela citadas nas entrevistas.

**Resultados***Perfil socioeconômico*

Delineando o perfil socioeconômico dos indivíduos envolvidos neste estudo, para assim

compreender os aspectos dinâmicos em que tal comunidade está inserida, dos 71 indivíduos entrevistados, mais de 3/4 são pertencentes ao sexo feminino (87,32%). Para a variável idade, 73,24% apresentam idade igual ou superior a 41 anos, sendo a faixa etária mais expressiva a compreendida entre 61 a 70 anos, que corresponde a 23,94% da amostra total.

No que se refere ao estado civil, 71,83% são casados; 5,63% apresentam união estável; 9,86% são solteiros e 12,68% são viúvos. Quanto à profissão, 95,77% denominam-se de agricultores, onde destes, 33,80% são aposentados ou pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). No que se refere à escolaridade, os indivíduos que apresentam ensino fundamental incompleto são os de maior número (45,07%), seguido os analfabetos com 32,39%. Em relação à moradia, foi quase unânime os entrevistados mencionarem que residiam em casa própria (98,59%), posto que apenas um (01) indivíduo residia em casa cedida por terceiros. Na maior parte dos domicílios existiam quatro residentes (39,44%).

Referindo-se ao tempo de vivência dos entrevistados na comunidade, apenas 18,31% deles viviam no local desde que nasceram; a maior parte vivia por um período superior a 10 anos (60,56%). Considerando a renda familiar dos indivíduos participantes deste estudo, sobressai a renda de um salário-mínimo (39,44%). Todos os participantes afirmaram ser católicos.

#### *Florística dos quintais*

Com relação ao levantamento florístico dos quintais pesquisados, foram levantadas 188 espécies, entre as quais 1 foi identificada apenas em nível de família e 11 até o nível de gênero, as quais são pertencentes a 68 famílias taxonômicas (Tabela 1). As famílias mais representativas em relação ao número de espécies foram Fabaceae (18 ssp.), Lamiaceae (10 ssp.), Araceae (9 ssp.), Cactaceae, Euphorbiaceae e Solanaceae (7 ssp. para cada família), conforme a Figura 1. Outras 30 famílias estão representadas apenas por uma espécie e 16 por duas.

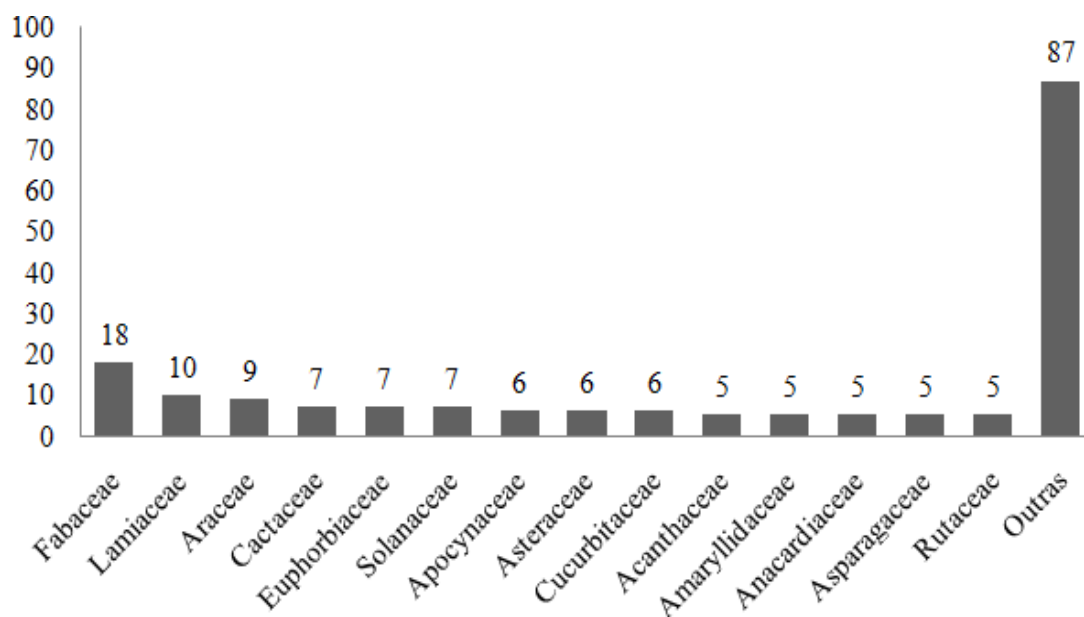


Figura 1. Famílias mais representativas em número de espécies em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. Fonte: Dados dos Autores (2014).

Quanto ao hábito de vida, as espécies se distribuem nos seguintes aspectos botânicos: erva (41,49%), arbusto (24,47%), árvore (21,28%), subarbusto (9,57%) e trepadeira (3,19%). Acerca da origem das espécies, houve predominância das exóticas (66,48%) em detrimento das nativas (33,52%).

A categoria de uso em que registrou-se o maior número de espécies foi a ornamental (40,96%), seguida da medicinal (37,77%),

alimentar (37,23%), produção de sombra (13,83%), mágico-religioso (6,38%) e outros usos (5,83%), conforme mostra Figura 2. Ademais, convém enfatizar que, dentre as espécies levantadas, 64,48% (125) está enquadrada em apenas uma categoria de uso, 26,06% (49) em duas e 7,44% (14) ocorre em três ou quatro categorias.

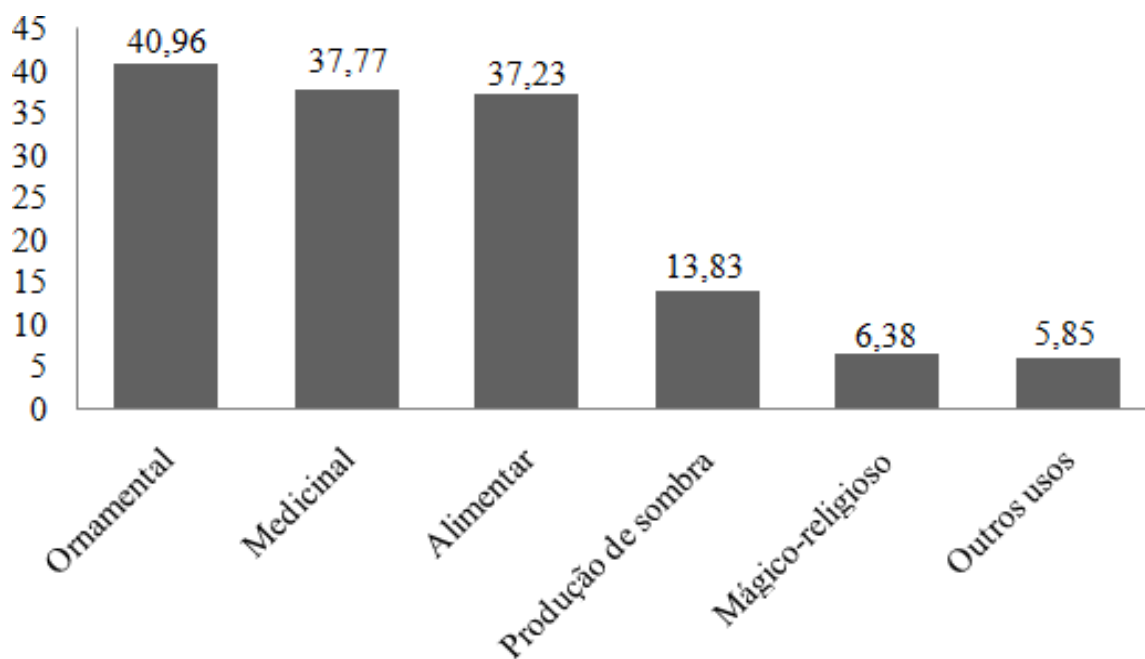


Figura 2. Porcentagem das espécies indicadas por categorias de usos da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. Fonte: Dados dos Autores (2014).

Tabela 1. Espécies cultivadas em quintais pelos moradores da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. Convenções: O=Origem: na=nativa da América do Sul, ex=exótica; H=Hábito: arv=árvore, erv=erva, arb=arbusto, sub=subarbusto e trep=trepadeira; CU=Categorias de Uso: 1=alimentar, 2=medicinal, 3=mágico-religioso, 4=ornamental, 5=produção de sombra, 6=outros usos; VU=Valor de Uso.

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	O	H	CU	VU
<b>ACANTHACEAE</b>					
Indeterminada	novalgina	ex	erv	2	2,50
<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	chá-preto	ex	erv	2	1,66
<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leon.	anador	ex	erv	2	1,66
<i>Justicia gendarussa</i> Burm. f.	abre-caminho	ex	arb	2,3 e 4	1,83
<i>Pseuderanthemum carruthersii</i> (Seem.) Guillaumin	-	ex	arb	4	1,00
<b>AIZOACEAE</b>					
<i>Aptenia cordifolia</i> (L. f.) Schwantes	-	ex	erv	4	1,00
<b>AMARANTHACEAE</b>					
<i>Celosia cristata</i> L.	brede	ex	erv	4	1,00
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz	ex	erv	2	3,96
<b>AMARYLLIDACEAE</b>					
<i>Allium fistulosum</i> L.	cebolinha, cebola	ex	erv	1	1,00
<i>Crinum</i> sp.	açucena	ex	erv	4	1,00
<i>Hymenocallis caribaea</i> (L.) Herb.	chorão-de-noivo	na	erv	4	1,00
<i>Hymenocallis littoralis</i> (Jacq.) Salisb.	língua-de-sogra	na	erv	4	1,00
<i>Zephyranthes candida</i> (Lindl.) Herb.	-	na	erv	2 e 4	2,00
<b>ANACARDIACEAE</b>					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	na	arv	1, 2, 5 e 6	2,06
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	ex	arv	1 e 5	1,45
<i>Spondias purpurea</i> L.	siriguela	ex	arv	1 e 2	1,35
<i>Spondias mombin</i> L.	imbu-cajá	na	arv	1 e 5	1,80
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	imbu	na	arv	1, 2 e 5	1,88

**ANNONACEAE**

<i>Annona muricata</i> L.	graviola	na	arv	1 e 2	1,45
<i>Annona squamosa</i> L.	ata	na	arv	1	1,00

**APIACEAE**

<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro, cheiro-verde	ex	erv	1 e 2	1,26
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura	ex	erv	1	1,00
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	ex	erv	2	2,00

**APOCYNACEAE**

<i>Allamanda cathartica</i> L.	alamanda	na	arb	4	1,00
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	bom-dia, boa-noite	ex	sub	4	1,00
<i>Ervatamia coronaria</i> (Jacq.) Stapf	lírio-de-são-josé	ex	arb	4	1,00
<i>Nerium oleander</i> L.	espírradeira	ex	arb	4	1,00
<i>Plumeria rubra</i> L.	jasmim	na	arv	4	1,00
<i>Thevetia peruviana</i> (Pers.) K. Schum	dedal-de-ouro	na	arv	4 e 5	1,50

**ARACEAE**

<i>Alocasia cucullata</i> (Lour.) G. Don	-	ex	erv	4	1,00
<i>Alocasia macrorrhizos</i> (L.) G. Don	bananeira-de-salão	ex	erv	4	1,00
<i>Alocasia</i> sp.	coração-de-estudante	ex	erv	4	1,00
<i>Anthurium andraeanum</i> Linden	flor-de-jorge-tadeu	na	erv	4	1,00
<i>Caladium hortulanum</i> Birdsey	coração-de-mãe	na	erv	4	1,00
<i>Dieffenbachia</i> sp.	comigo-ninguém-pode	na	erv	4 e 6	1,18
<i>Philodendron imbe</i> Schott ex Endl.	cara-de-cavalo	ex	erv	4	1,00
<i>Philodendron</i> sp.	fonte	na	erv	4	1,00
<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Dryand. ex Sims) Schott	copo-de-leite	na	erv	4	1,00

**ARALIACEAE**

<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms	espada	ex	arb	4	1,00
---------------------------------------	--------	----	-----	---	------

**ARECACEAE**

<i>Cocos nucifera</i> L.	coco	ex	arv	1 e 2	1,31
<i>Copernicia prunifera</i> (Miller) H.E. Moore	carnaúba	na	arv	1, 4 e 6	2,50
<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti	na	arv	1	1,00

**ASPARAGACEAE**

<i>Agave angustifolia</i> Haw.	agave	ex	erv	4	1,00
<i>Agave</i> sp.	agave	ex	erv	4	1,00
<i>Asparagopsis setacea</i> Kunth	milindro	ex	erv	4	1,00
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	espadinha	ex	erv	4	1,00
<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N. E. Br.	espada-de-são-jorge	ex	erv	3 e 4	1,93

**ASPHODELACEAE**

<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	ex	erv	2 e 6	3,43
--------------------------------	--------	----	-----	-------	------

**ASTERACEAE**

<i>Artemisia alba</i> Turra.	vique	ex	sub	2 e 4	2,00
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão, aguinha	na	erv	2	2,00
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	ex	erv	4	1,00
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface	ex	erv	1	1,00
<i>Vernonia condensata</i> Baker	boldo-do-chile	ex	arb	2	1,00
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	cravo	ex	erv	4	1,00

**BALSAMINACEAE**

<i>Impatiens balsamina</i> L.	maravilha	ex	erv	4	1,00
-------------------------------	-----------	----	-----	---	------

**BIGNONIACEAE**

<i>Crescentia cujete</i> L.	coité	na	arv	6	1,00
<i>Tabebuia avellanedae</i> Lorentz ex Griseb.	ipê-roxo	na	arv	4 e 5	2,00
<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. Ex Kunth	ipêzinho	ex	arv	4	1,00

**BIXACEAE**

<i>Bixa orellana</i> L.	urucum, corante	na	arb	1	1,00
-------------------------	-----------------	----	-----	---	------

**BORAGINACEAE**

<i>Cordia abyssinica</i> R. Br.	cola	ex	arv	5	1,00
<i>Symphytum officinale</i> L.	confrei	ex	erv	2	1,00

**BRASSICACEAE**

<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	ex	erv	1	1,00
-----------------------------	-------	----	-----	---	------

**BROMELIACEAE**

<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	na	erv	1 e 2	1,70
----------------------------------	---------	----	-----	-------	------

**BURSERACEAE**

<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	imburana	na	arv	2 e 5	3,00
---	----------	----	-----	-------	------

**CACTACEAE**

<i>Cereus jamacaru</i> DC.	mandacaru	na	arb	1, 2, 3 e 4	1,42
<i>Echinopsis arachnacantha</i> (Buining & F. Ritter) Friedrich	panta	na	erv	3 e 4	1,57
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb	coroa-de-frade	na	erv	3 e 4	1,61
<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	palma	ex	erv	6	1,00
<i>Opuntia</i> ser. <i>Brasilienses</i>	quipazinho	na	erv	4	1,00
<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	-	na	arb	4	1,00
<i>Pilosocereus gounellei</i> (F. A. C. Weber) Byles & G. D. Rowley	xique-xique	na	erv	3 e 4	1,50

**CANNACEAE**

<i>Canna generalis</i> L.H. Bailey & E.Z. Bailey	alfinete	ex	erv	4	1,00
--	----------	----	-----	---	------

**CARICACEAE**

<i>Carica papaya</i> L.	mamão	na	arv	1 e 2	1,47
-------------------------	-------	----	-----	-------	------

**CARYOCARACEAE**

<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm	pequi	na	arv	1, 2 e 5	2,50
---------------------------------	-------	----	-----	----------	------

**CHYSOBALANACEAE**

<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	oiti	na	arv	1 e 5	2,00
---	------	----	-----	-------	------

**CLEOMACEAE**

<i>Cleome arborea</i> Schrad.	trapiá	ex	arv	1 e 5	1,60
-------------------------------	--------	----	-----	-------	------

**COMBRETACEAE**

<i>Quisqualis indica</i> L.	-	ex	trep	4	1,00
-----------------------------	---	----	------	---	------

**COMMELINACEAE**

<i>Commelina difusa</i> Burm. f.	-	ex	erv	4	1,00
----------------------------------	---	----	-----	---	------

**CONVOLVULACEAE**

<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	ex	erv	1	1,00
<i>Ipomoea quamoclit</i> L.	primavera	ex	trep	4	1,00

**COSTACEAE**

<i>Costus</i> sp.	caninha-do-sertão	na	erv	2 e 4	2,00
-------------------	-------------------	----	-----	-------	------

**CRASSULACEAE**

<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	malva-santa, folha-santa	ex	erv	2	1,78
<i>Cotyledon orbiculata</i> L.	bálsamo	ex	erv	2	2,25

**CUCURBITACEAE**

<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	melancia	ex	erv	1 e 2	1,12
---	----------	----	-----	-------	------

<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	ex	erv	1	1,00
<i>Cucumis sativus</i> L.	pepino	ex	erv	1	1,00
<i>Cucumis</i> sp.	meluí	ex	erv	1	1,00
<i>Cucurbita</i> sp.	abóbora, jerimum	ex	erv	1	1,00
<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser.	cabaça	ex	erv	6	1,00
<b>DAVALLIACEAE</b>					
<i>Nephrolepis multiflora</i> (Roxb.) F.M. Jarrettex C.V. Morton	samambaia	ex	erv	4	1,00
<i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott	samambaia	ex	erv	4	1,00
<b>EUPHORBIACEAE</b>					
<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	eu e tu, coroa-de-cristo	ex	arb	4	1,00
<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	cachorro-pelado, avelós	ex	arb	2, 4 e 6	2,33
<i>Euphorbia trigona</i> Mill.	mandacaruzinho	ex	arb	4	1,00
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	na	arb	3	1,53
<i>Jatropha curcas</i> L.	pinhão-manso	ex	arb	4	1,00
<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	macaxeira, mandioca	na	arb	1	1,00
<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	escada-do-céu, sapatim	na	arb	4	1,00
<b>FABACEAE</b>					
<i>Adenanthera pavonina</i> L.	pau-brasil	ex	arv	5	1,00
<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	pata-de-vaca	ex	arv	2	2,00
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	pau-brasil	na	arv	5	1,00
<i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw.	flamboiázinho	ex	arb	4	1,00
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	feijão-andu	ex	arb	1	1,00
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl	sena	ex	arb	2	3,00
<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	flamboiã	ex	arv	4 e 5	2,00
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	tamburil	na	arv	5	1,00
<i>Erythrina indica</i> Lam.	algodão-do-pará	ex	arv	4	1,00
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	mulungu	na	arv	2 e 5	2,00
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	na	arv	1, 2	2,00
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart.) L.P. Queiroz	pau-ferro	na	arv	2 e 5	2,50
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	na	sub	1	1,00
<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	rama-de-bezerro	na	arv	2 e 5	2,00
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	maria-mole	na	arb	2	1,00
<i>Senna siamea</i> (Lam.) H.S. Irwin & Barneby	acácio	ex	arb	5	1,00
<i>Tamarindus indica</i> L.	tomarina	ex	arv	1, 2 e 5	2,11
<i>Vicia faba</i> L.	fava	ex	sub	1	1,00
<b>HYDRANGEACEAE</b>					
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	hortênciã	ex	arb	4	1,00
<b>LAMIACEAE</b>					
<i>Mentha arvensis</i> L.	hortelã-vique	ex	erv	2	2,13
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	ex	erv	2	2,18
<i>Ocimum</i> sp.	alfavaca	ex	sub	2	1,00
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	ex	sub	1 e 2	1,91
<i>Origanum majorana</i> L.	manjeroma	ex	sub	2	1,33
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	malva-do-reino	ex	erv	2	1,53
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo sete-dor	ex	erv	2	1,50
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	boldo	ex	erv	2	1,57
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	ex	sub	1, 2 e 3	2,75



<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd.	crote	ex	erv	4	1,00
<b>LAURACEAE</b>					
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	ex	arv	1 e 2	1,50
<b>LYTHRACEAE</b>					
<i>Cuphea gracilis</i> Kunth	-	na	erv	4	1,00
<i>Punica granatum</i> L.	romã	ex	arb	1 e 2	1,94
<b>MALPIGHIACEAE</b>					
<i>Malpighia glabra</i> L.	acerola	na	arb	1 e 2	1,09
<b>MALVACEAE</b>					
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	ex	arb	1	1,00
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	algodão	ex	arb	2 e 6	2,29
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	rosa-margarida, rosa-jacinta	ex	arb	4	1,00
<b>MELIACEAE</b>					
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	nim	ex	arv	5 e 6	1,10
<b>MORACEAE</b>					
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	ex	arv	1	1,00
<i>Ficus benjamina</i> L.	figa	ex	arv	5	1,00
<i>Morus nigra</i> L.	amora	ex	arb	1 e 2	1,67
<b>MUSACEAE</b>					
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	banana	ex	arb	1 e 2	1,13
<b>MYRTACEAE</b>					
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	eucalipto	ex	arv	2	2,44
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	na	arv	1, 2 e 5	1,43
<b>NYCTAGINACEAE</b>					
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	juazeiro-da-bahia	na	arb	4	1,00
<i>Mirabilis jalapa</i> L.	bunina	na	erv	4	1,00
<b>OLEACEAE</b>					
<i>Jasminum sambac</i> (L.) Aiton	bugarim	ex	arb	4	1,00
<b>ORCHIDACEAE</b>					
<i>Cattleya</i> sp.	orquídea	na	erv	4	1,00
<b>OXALIDACEAE</b>					
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	ex	arv	1	1,00
<i>Oxalis triangularis</i> A. St.-Hil.	trevo	na	erv	4	1,00
<b>PASSIFLORACEAE</b>					
<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	maracujá-do-mato	na	trep	1, 2 e 5	3,00
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá-peroba	na	trep	1, 2 e 5	2,31
<b>PEDALIACEAE</b>					
<i>Sesamum indicum</i> L.	gergelim	ex	erv	1 e 2	1,60
<b>PETIVERIACEAE</b>					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	tipi	ex	erv	2 e 3	2,50
<b>PHYLLANTHACEAE</b>					
<i>Breynia nivosa</i> (W. Bull) Small	pé-de-dinheiro, moedinha	ex	arb	4	1,00
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	na	erv	2	1,00
<b>PIPERACEAE</b>					
<i>Piper aduncum</i> L.	pimenta-de-macaco	ex	arb	1 e 2	2,00
<b>PLANTAGINACEAE</b>					
<i>Russelia equisetiformis</i> Schlttdl. & Cham.	pinguim	ex	arb	4	1,00

**POACEAE**

<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-santo	ex	erv	2	1,45
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana	ex	arb	1	1,00
<i>Zea mays</i> L.	milho	ex	erv	1, 2 e 6	1,31

**POLYGONACEAE**

<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	carinha-de-anjo	ex	trep	4	1,00
--	-----------------	----	------	---	------

**PORTULACACEAE**

<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	nove-horas	na	erv	4	1,00
<i>Portulaca oleraceae</i> L.	terezinha	ex	erv	4	1,00

**ROSACEAE**

<i>Fragaria x ananassa</i> Duchesne ex Rozier	morango	ex	erv	1	1,00
<i>Pyrus malus</i> L.	maçã	ex	arb	1	1,00
<i>Rosa</i> sp.	rosa-la-frança	ex	arb	4	1,00

**RUBIACEAE**

<i>Coffea arabica</i> L.	café	ex	arb	1	1,00
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	na	arb	2	1,00
<i>Ixora coccinea</i> L.	ixora	ex	arb	4	1,00
<i>Morinda citrifolia</i> L.	noni	ex	arb	2	1,67

**RUTACEAE**

<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	limão-galego	ex	arb	1	1,00
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja	ex	arb	1 e 2	1,94
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	limão	ex	arb	1 e 2	2,14
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	tangerina, mexerica	ex	arb	1	1,00
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	ex	sub	2 e 3	3,10

**SAPINDACEAE**

<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	lichia	ex	arb	1	1,00
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	pitomba	ex	arb	1 e 5	1,73

**SOLANACEAE**

<i>Capsicum annum</i> L.	pimentão	na	sub	1	1,00
<i>Capsicum annum</i> var. <i>glabriusculum</i> (Dunal) Heiser & Pickersgill	pimenta-de-mesa	na	sub	1, 3 e 4	1,75
<i>Capsicum baccatum</i> L.	pimenta-olho-de-peixe	na	sub	1	1,00
<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	pimenta-de-cheiro	na	sub	1	1,00
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta-malagueta	ex	sub	1 e 2	1,09
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	na	sub	1	1,00
<i>Solanum melongena</i> L.	berinjela	ex	sub	1 e 2	3,00

**URTICACEAE**

<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm	pega-rapaz	ex	erv	4	1,00
-------------------------------------	------------	----	-----	---	------

**VERBENACEAE**

<i>Duranta repens</i> L.	pingo-de-ouro	na	sub	4	1,00
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	erva-cidreira	ex	sub	1 e 2	1,64

**VITACEAE**

<i>Vitis labrusca</i> L.	uva	ex	trep	1	1,00
--------------------------	-----	----	------	---	------

**ZINGIBERACEAE**

<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	ex	erv	1 e 2	2,00
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	ex	erv	2	1,00

*Valor de uso* (56,38%) apresentou valor de uso igual a 1,00. Apenas 1,60% das espécies obtiveram valores de uso mais altos, compreendidos entre 3,01 a 4,00.

Os valores de uso das espécies vegetais variaram entre 1,00 e 3,96. A maior parte

sendo *Chenopodium ambrosioides* (VU=3,96), *Aloe vera* (VU=3,43) e *Ruta graveolens* (VU=3,11) as espécies em que apontaram os

maiores valores de uso para a comunidade estudada. A distribuição das espécies por classe de valor de uso está evidenciada na Figura 3.

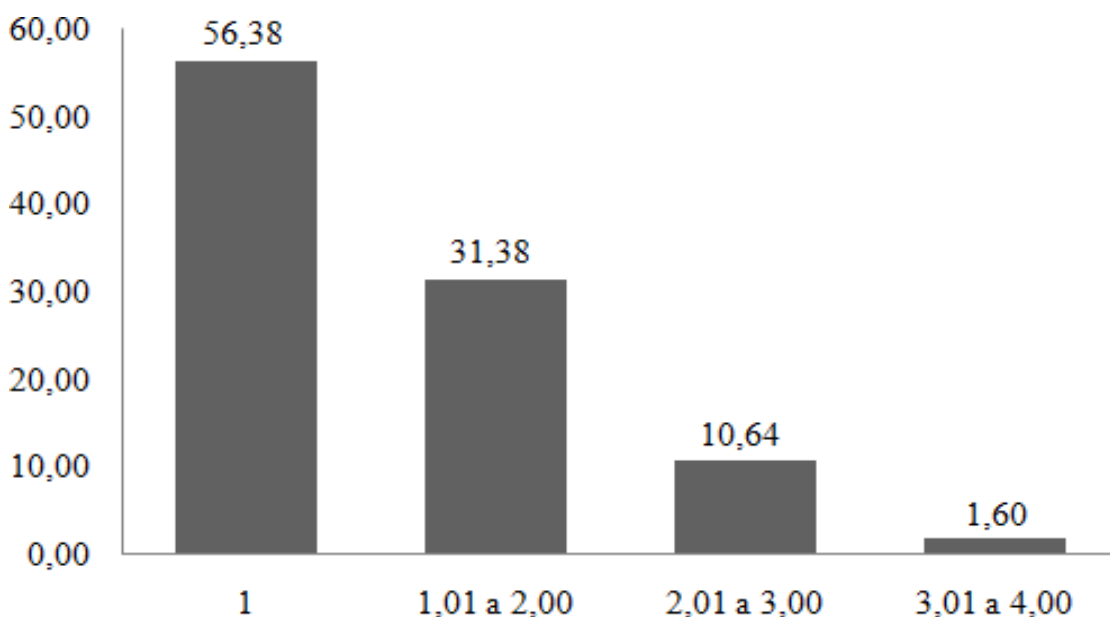


Figura 3. Distribuição em classes de valor de uso das espécies cultivadas em quintais da comunidade rural de Aroeiras, município de Monsenhor Hipólito-PI. Fonte: Dados dos Autores (2014).

### Discussão

Em outros trabalhos etnobotânicos as mulheres também corresponderam à maior parte dos entrevistados (Cunha & Bortolotto, 2011; Carvalho et al., 2013; Silva et al., 2015), além de Oliveira & Menini Neto (2012) também apontarem a maioria dos entrevistados com baixo nível de escolaridade, atrelando o trabalho pesado ligado à agricultura à inviabilização dos estudos.

Aguiar (2009) pesquisando quintais rurais no município de Demerval Lobão no Piauí, registrou a família Fabaceae como a mais bem representada em riqueza de espécies, seguida de Euphorbiaceae, Asteraceae e Lamiaceae, dentre outras, famílias as quais também se destacaram neste estudo. Em Silva & Andrade (2005), Franco & Barros (2006), Pereira et al. (2016) a família Fabaceae também foi a que liderou em número de espécies. Sousa et al. (2014) registraram as famílias Anacardiaceae, Arecaceae, Cucurbitaceae, Lamiaceae e Poaceae como aquelas de maior representação quantitativa em quintais do município de Caxias-MA. Na pesquisa de Albuquerque & Andrade (2002b) a de maior evidência foi a família Euphorbiaceae.

A grande representação das ervas neste trabalho pode ser paralelamente observada em outros estudos, como os desenvolvidos por Carniello et al. (2010), Chaves & Zanin (2012) e Liporacci & Simão (2013) que também reportaram a predominância das espécies

herbáceas. Com a expressividade do cultivo de espécies exóticas em detrimento das nativas nos quintais de Aroeiras, Albuquerque et al. (2005) sinaliza que é comum registrar a presença de espécies nativas nos quintais agroflorestais das regiões tropicais úmidas e áridas, contudo, afirma que em todos existe um predomínio de espécies exóticas.

Cada sociedade humana adota critérios únicos que permitem consagrar a forma pela qual os recursos podem ser aproveitados (Móran, 1990), cujas categorias de uso concebem uma junção de aspectos éticos e êmicos (Florentino et al., 2007). Dados semelhantes, quanto às categorias de maior destaque neste estudo, foram encontrados por Florentino et al. (2007) no município de Caruaru-PE, acerca da contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, onde as quatro categorias de uso que tiveram maior expressividade foram: a alimentícia, a ornamental, medicinal e sombreamento, categorias estas que também prevaleceram neste estudo. Althaus-Ottmann et al. (2010), pesquisando sobre a diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do bairro Fanny em Curitiba, e Pereira et al. (2016), em quintais piauienses, encontraram o domínio de espécies ornamentais, indicando a categoria mais reportada.

Em uma abordagem etnobotânica sobre os quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT,

Carniello et al. (2010) registraram que, dentre as 19 categorias locais de uso das plantas, as três principais foram a ornamental e a alimentação humana com cerca de 35% das citações cada, seguidas da medicinal, com 29%. Por outro lado, em um levantamento de plantas classificadas em diferentes categorias de uso na comunidade Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil), as categorias de maior importância são as que englobam as espécies utilizadas como alimento (48,1%) e como remédio (44,5%), enquanto que a categoria ornamental ocupa o terceiro nível de relevância, representando apenas 25% do total de espécies usadas (Pasa et al., 2005).

Para a categoria ornamental, modalidade que aloca a maior quantidade de vegetais neste estudo (77 espécies), ocorrem plantas que se destacam por proporcionar o embelezamento do ambiente, seja com suas flores, folhas e/ou planta inteira, o que evidencia a preocupação dos moradores da comunidade Aroeiras quanto ao aspecto estético dos quintais, fato este também observado por Aguiar (2009) em quintais rurais de Demerval Lobão-PI. Nesta categoria destacam-se pelo número de citações as seguintes espécies: *Catharanthus roseus*, *Dieffenbachia* sp., *Caladium hortulanum*, *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii*, *Alocasia macrorrhizos*, *Celosia cristata* e *Pedilanthus tithymaloides*, entre outras. Espécies como *Allamanda cathartica*, *Mirabilis jalapa*, *Zinnia elegans*, *Polyscias fruticosa*, *Spathiphyllum cannifolium*, *Impatiens balsamina* e *Pilea microphylla*, assim como outras, mostraram-se pouco expressivas nos quintais pesquisados haja vista que ocorreram em apenas um ou dois quintais. As famílias Araceae, com dez espécies, Asparagaceae, Apocynaceae, Euphorbiaceae e Cactaceae, com seis espécies, foram as mais frequentes nessa categoria. Araceae é apresentada como uma das famílias mais frequentes nos quintais de domicílios urbanos estudados por Eichemberg et al. (2009).

As espécies ornamentais mais registradas nos quintais de Aroeiras, *Catharanthus roseus* e *Dieffenbachia* sp., também são citadas por Silva & Andrade (2005) em um estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral no estado de Pernambuco, onde estas são mencionadas, no caso da primeira, como plantas cujas flores são usadas em ornamentação e, quanto à segunda, ornamental pelas folhas.

As categorias medicinal e alimentar apresentam-se quase que na mesma importância, respectivamente com 71 e 70 plantas úteis. Diante de tais números, pode-se perceber a relevância dos quintais pesquisados quanto às funções referentes

à produção de alimentos, bem como de produtos medicamentosos, propiciando uma contribuição nutricional, assim como na terapêutica de enfermidades dos moradores locais.

Quanto às espécies medicinais cultivadas, dentre as mais citadas, merecem destaque *Lippia alba*, *Aloe vera*, *Plectranthus amboinicus*, *Citrus limon*, *Chenopodium ambrosioides*, *Mentha arvensis*, *Plectranthus barbatus* e *Plectranthus neochilus*, que apresentaram uma frequência absoluta de citações igual ou superior a 15. As famílias Lamiaceae (10 ssp.) e Fabaceae (8 ssp.) foram as mais frequentes nessa categoria.

Pinto et al. (2006), estudando o conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais em Itacaré na Bahia, registraram o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e a erva-cidreira (*Lippia alba*) como as plantas mais citadas e, semelhantemente, a família Lamiaceae foi a mais frequente, com 12 espécies. Oliveira et al. (2010) em Oeiras-PI mencionam a família Fabaceae como a mais representativa.

Na categoria alimentar, as espécies com maior número de citações foram *Anacardium occidentale*, *Mangifera indica*, *Allium fistulosum*, *Malpighia glabra*, *Annona squamosa*, *Psidium guajava*, *Spondias purpurea* e *Coriandrum sativum*. Pereira et al. (2016) registraram *M. indica*, *A. occidentale*, *A. squamosa*, *M. glabra* e *P. guajava* como as mais cultivadas em quintais rurais de Monsenhor Gil/PI. Desta forma, ressalta-se Solanaceae com sete espécies, Cucurbitaceae, Fabaceae e Anacardiaceae com cinco espécies como as famílias com maior representatividade para esta categoria.

No que tange à categoria produção de sombra, 26 espécies foram aludidas para tal classe, sendo as mais citadas *Anacardium occidentale*, *Mangifera indica*, *Azadirachta indica*, *Psidium guajava* e *Spondias tuberosa*. Deste modo, depreende-se a preocupação dos moradores locais quanto à questão do cultivo de árvores nos quintais para assim proporcionar um ambiente mais agradável, com vistas ao melhoramento do microclima no entorno das residências. Anacardiaceae (9 ssp.) e Fabaceae (5 ssp.) são as duas famílias mais representativas para esta categoria.

Quanto à mágico-religiosa, considerou-se aí pertencentes as plantas que eram utilizadas no tratamento de problemas espirituais, como amuletos de sorte, capacidade de afastar mau-olhado, para ocasionar bons presságios e proteção, dentre outros significados (Silva & Andrade, 2005), o que permitiu incluir 12 espécies de plantas. A espécie mais citada para tal categoria

foi *Jatropha gossypifolia*, seguida de *Melocactus zehntnerie*, *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii*. Foram incluídas nove famílias botânicas, das quais Cactaceae foi a preponderante, com quatro espécies.

Lorenzini & Matos (2008) destacam que as informações etnobotânicas citam o uso do *Jatropha gossypifolia* no Nordeste do Brasil como planta mágica, que é colocada em frente da casa de moradia, evitando a entrada de todos os males. Oliveira (2008) também enfatiza que, na frente da maioria das residências pesquisadas em comunidades rurais de Oeiras-PI, encontra-se tal espécie plantada para espantar mau-olhado e trazer bons presságios, fato este também observado nos domicílios pesquisados, uma vez que as plantas de uso místico e/ou simbólico predominavam na frente das casas.

Na categoria outros usos ocorrem 11 espécies, as quais devido ao pequeno índice de citações compuseram tal classe. Incluiu-se espécies citadas pelo uso de suas fibras (*Gossypium hirsutum*), como cosmético (*Aloe vera*), tóxicas (*Euphorbia tirucalli* e *Dieffenbachia* sp.), repelente de insetos (*Azadirachta indica*), forrageira (*Opuntia ficus-indica*), madeiras (*Anacardium occidentale* e *Copernicia prunifera*), para fabricação de utensílios domésticos (*Lagenaria vulgaris* e *Crescentia cujete*), bem como pelo uso da palha do milho como “papel para cigarro” (*Zea mays*).

Dentre as espécies mais versáteis estão *Anacardium occidentale* e *Cereus jamacaru*, as únicas pertencentes a quatro categorias de uso. No trabalho de Florentino et al. (2007), *A. occidentale* está enquadrada em três categorias (alimentar, sombreamento e medicinal), as quais também são referidas neste levantamento, divergindo apenas quanto à modalidade “outros usos”, que a inclui pela citação do uso de sua madeira como combustível (lenha). Pereira et al. (2016) também a registram em quatro categorias de uso, enquanto *C. jamacaru* foi incluída em apenas duas.

Logo, a maior parte das plantas (56,38%) apresenta baixo valor de uso, uma vez que apresentam o menor valor considerado (1,00), o que indica a baixa potencialidade de uso destas espécies pelos moradores da comunidade em foco. Seguidamente, uma menor percentagem de plantas compreende o intervalo entre 1,01 a 2,00 (31,38%) e 2,01 a 3,00 (10,64%). Apenas três espécies (1,60%) estão incluídas na classe que enquadra as plantas com maior quantidade de citações de uso por informante.

## Conclusão

Pode-se concluir que variadas plantas são cultivadas nos quintais da comunidade rural Aroeiras. Foram levantadas 188 espécies indicadas para variados usos, em que a categoria de uso ornamental foi a mais citada, seguida da alimentar e medicinal.

Assim, contemplando o aspecto estético do ambiente que cerca a sua vida cotidiana, para finalidades nutricionais, para o tratamento de enfermidades, para melhoramento do microclima próximo às residências, para usos vinculados ao universo místico e simbólico, assim como para uma miscelânea de outros usos, os moradores locais interagem com estas plantas para atenderem as suas necessidades, seja física, ética ou simbolicamente, fazendo desta forma, utilidade do seu conhecimento tradicional para conceber tal inter-relação.

Deste modo, registrado tal conhecimento, a valia deste estudo se torna imensurável, uma vez que caso tal conhecimento se dissolvesse em meio ao esquecimento ou viesse a sucumbir diante da célere globalização em que vivemos atualmente, não teria na irreversibilidade dos fatos a explicação para tal, haja vista a documentação deste saberes, designadamente da localidade em que se procedeu tal estudo, possibilitando o seu resgate.

Portanto, sinaliza-se para a implementação de estratégias pelos órgãos públicos voltadas à catalogação contínua dos saberes tradicionais locais, bem como medidas educativas que possam incentivar o cultivo de espécies nativas.

## Agradecimentos

Aos moradores da comunidade rural Aroeiras pela solicitude e receptividade em suas residências, desprendendo-se de suas informações e contribuindo para o desenvolvimento deste estudo.

## Referências

ABREU, M. C.; SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R. 2017. Vegetais cultivados em quintais rurais Piauienses com indicação anticâncer: uma busca pelo conhecimento tradicional. *Ciência e Natura*, v.39, n.1, p. 22-32.

AGUIAR, L. C. G. G. 2009. Etnobotânica em quintais de comunidades rurais no domínio cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina. 112 p.

- AGUIAR, R. B.; GOMES, J. R. C. (Org.). 2004. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Monsenhor Hipólito. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C.; CABALLERO, J. 2005. Structure and Floristics of Homegardens in Northeastern Brazil. *Journal of Arid Environments*, v. 62, n.3, p.491-506.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. 2002a. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.16, n.3, p.273-285.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. 2002b. Usos de recursos vegetais na Caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (nordeste do Brasil). *Interciência*, v.27, n.7, p.336-346.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. 2004. Métodos e técnicas para a coleta de dados. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife, Editora Livro Rápido/NUPEEA. pp.37-62.
- ALBUQUERQUE, U. P.; PAIVA, R. F.; ALENCAR, N. L. 2010. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife, PE: NUPPEA. pp.39-64.
- ALTHAUS-OTTMANN, M. M.; CRUZ, M. J. R.; FONTE, N. N. 2011. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, v.9, n.1, p.39-49.
- BAILEY, K. 1994. Métodos of social research. 4ª Ed. New York: The Free Press.
- CABALLERO, J. 1979. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. (Ed.). La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva. Xalapa, INIREB. pp. 27-30.
- BERNARD, H. R. 1988. Research methods in cultural anthropology. Newbury Park, CA: Sage Publ. 520 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde, CNS/COPEP. 2012. Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 12 Jun. 2014.
- CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. 2010. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *Acta Amazonica*, v.40, n.3, p.451-470.
- CARVALHO, J. S. B.; MARTINS, J. D. L.; MENDONÇA, M. C. S.; LIMA, L. D. 2013. Uso popular das plantas medicinais na comunidade da Várzea, Garanhuns-PE. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, v.13, n.2, p.58-65.
- CAVALCANTE, A. C. P.; SILVA, A. G. 2014. Levantamento etnobotânica e utilização de plantas medicinais na comunidade Moura, Bananeiras-PB. *Revista Monografias Ambientais-REMOA*, v.14, n.2, p.3225-3230.
- CHAVES, A. S.; ZANIN, E. M. 2012. Etnobotânica em comunidades rurais de origem italiana e polonesa do município de Erechim/Rs. *Perspectiva*, Erechim, v.36, n.133, p.95-113.
- CUNHA, S. A.; BORTOLOTTI, I. M. 2011. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.25, n.3, p.685-698.
- DA SILVA, C. G. 2012. Estudo etnobotânico e da atividade antimicrobiana 'in vitro' de plantas medicinais na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande, Patos-PB. 93p.
- EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M.; MOURA, L. C. 2009. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. *Acta Botanica Brasilica*, v.23, n.4, p.1057-1075.
- FLORENTINO, A. T. N.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.21, n.1, p.37-47.

- FONT-QUER, M. P. 1982. Dicionário de botânica. 8. reimp. Barcelona: Labor. 1982. 1244p.
- FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.8, n.3, p.78-88.
- FRANCO, F.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L. 2011. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. *Caderno de Cultura e Ciência*, v.10, n.2, p.17-23.
- IBGE. 2010. Perfil das cidades piauienses. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=220650&search=piaui|monsenhor-hipolito>. Acesso em: 10 Jun. 2014.
- JACOMINE, P. K. T.; CAVALCANTI, A. C.; PESSOA, S. C. P.; BURGOS, N.; MELO FILHO, H. F. R.; LOPES, O. F.; MEDEIROS, L. A. R. 1986. Levantamento exploratório – reconhecimento de solos do Estado do Piauí. Rio de Janeiro. EMBRAPA-SNLCS/SUDENE-DRN.
- LIPORACCI, H. S. N.; SIMÃO, D. G. 2013. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.15, n.4, p.529-540.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. M. 2008. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 544p.
- LOZANO, A.; ARAÚJO, E. L.; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. 2014. The apparency hypothesis applied to a local pharmacopoeia in the Brazilian northeast. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.10, n.2, p.1-17.
- MASSAROTO, N. P. 2009. Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas kalunga e urbanas no Nordeste do Estado de Goiás-GO, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília-DF. 130p.
- MEIRELES, V. J. S. 2012. Etnobotânica e caracterização da pesca na comunidade Canárias, Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina. 163p.
- MORÁN, E. F. 1990. A ecologia humana das populações da Amazônia. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MORI, S. A.; SILVA, L. A. M.; LISBOA, G.; CORADIN, L. 1989. Manual de manejo do herbário fanerogâmico. Ilhéus, CEPLAC.
- NOVAIS, A. M.; GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; PASA, M. C. 2011. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Cáceres-MT, Brasil. *Revista Biodiversidade*, v.10, n.1, p.3-11.
- OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. 2012. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.14, n.2, p.311-320.
- OLIVEIRA, F. C. S. 2008. Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido piauiense. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina. 134p.
- OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO J. M. 2010. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.12, n.3, p.282-301.
- PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM NETO, G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica*, v.19, n.2, p.195-207.
- PEREIRA, L. G.; VIEIRA, F. J.; ALENCAR, N. L.; CARVALHO, F. P. A.; BARROS, R. F. M. 2016. Diversidade florística em quintais do Nordeste brasileiro: um estudo etnobotânico em comunidades rurais em Monsenhor Gil/PI. *Espacios*, v. 37, n. 20, p. 11.
- PHILLIPS O.; GENTRY A. H. 1993a. The useful Plants of Tamboapata, Peru: I Statistical hypothesis testing with a new quantitative technique. *Economic Botany*, v.47, n.1, p.15-32.
- PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993b. The useful Plants of Tambopata, Peru: II Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. *Economic Botany*, v.47, n.1, p.33-43.

- PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H.; REYNEL, C.; WILKIN, P.; GÁLVES-DURAND, B. C. 1994. Quantitative ethnobotany and Amazonian conservation. *Conservation Biology*, v.8, n.1, p.15-32.
- PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.20, n.4, p.751-762.
- ROSSATO, S. C. 1996. Uso de plantas por comunidades caiçaras do litoral norte do estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 119p.
- SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.19, n.1, p.45-60.
- SOUSA, D. A.; OLIVEIRA, A. A.; CONÇEIÇÃO, G. M. 2014. Agrobiodiversidade em quintais familiares no município de Caxias, Maranhão. Goiânia. *Enciclopédia Biosfera*, v.10, n.18, p.3129-3139.
- SILVA, M. D. P.; MARINI, F. S.; MELO, R. S. 2015. Levantamento de plantas medicinais cultivadas no município de Solânea, agreste paraibano: reconhecimento e valorização do saber tradicional. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, v.17, n.4, supl. II, p.881-890.
- SOUSA, V. C.; LORENZI, H. 2012. Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado na APG III. 3.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 768p.
- STRACHULSKI, J.; FLORIANI, N. 2013. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de Linha Criciumal, em Cândido de Abreu-PR. *Revista Geografar*, v.8, n.1, p.125-153.
- THE ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. *Botanical Journal of the Linnean Society*, v.161, p.105-121.
- TROTA, J.; MESSIAS, P. A.; PIRES, A. H. C.; HAYSASHIDA, C. T.; CAMARGO, C.; FUTEMMA, C. 2012. Análise do conhecimento e uso popular de plantas de quintais urbanos no estado de São Paulo, Brasil. *Revista de estudos ambientais*, v.14, n.3, p.17-34.
- VAN HOLTHE, J. M. O. 2004. Quintais urbanos de Salvador: realidades, usos e vivências no século XIX. *Cadernos*, v.2, p.61-74.